

Caçadora
de
estrelas

RAIZA VARELLA

Caçadora de estrelas

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2018



VERUS
EDITORA

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Cleide Salme

Capa, projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

Imagens da capa

TierneyMJ/Shutterstock (garota)

rvika/Shutterstock (céu estrelado)

ISBN: 978-85-7686-723-4

Copyright © Verus Editora, 2018

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

V421c

Varella, Raiza

Caçadora de estrelas / Raiza Varella. - 1. ed. - Campinas [SP] :
Verus, 2018.

16 x 23 cm.

ISBN 978-85-7686-723-4

1. Romance brasileiro. I. Título.

18-51288

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Para Lucca, por iluminar os meus dias.

Para as estrelas mais bonitas do meu céu particular, por iluminarem as minhas noites.

Para todas as pessoas que, assim como eu, possuem um pontinho brilhante no céu.

Para aqueles que sabem como a saudade dói e sabem como matá-la em noites estreladas.

É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã.

— LEGIÃO URBANA, “Pais e filhos”

PREFÁCIO

Há muito tempo, quando eu ainda era uma menininha pura, inocente e imaculada — sim, já fui uma dessas, embora hoje seja difícil imaginar —, a pessoa que mais amei e em quem mais confiei me contou uma história que me marcou profundamente. Era recheada de significados e criada apenas para embalar o sono infantil. No meu caso, porém, determinaria a mulher que eu me tornaria no futuro e o caminho que eu teria que trilhar nessa jornada sofrida, amarga e dolorosa. Sim, eu sou dramática e posso garantir que esse é o menor dos meus defeitos!

Imagino que a maioria das pessoas já tenha ouvido uma dessas historinhas em algum momento. Afinal, os contos de fadas, as lendas e os relatos de amor verdadeiro estão em toda parte, não é? Em livros, filmes e na mente doentia e recheada de vento de pessoas ingênuas como eu. O único lugar em que não estão é na vida real — pelo menos não na minha, posso garantir.

Enfim, eu acreditei naquilo. De verdade.

Passei todas as noites desde aquele dia pensando na história, em seus personagens fictícios, em suas lutas, amores e, principalmente, em sua moral. Constatei que, se realmente persistisse, eu conseguiria vivê-la um dia. Eu tinha que conseguir, prometi. Maldita hora em que fiz aquela promessa.

Em um momento mais oportuno eu conto essa história, mas já aviso que não me responsabilizo pelos danos que ela possa causar em quem a escuta. Não quero ninguém me culpando se por acaso ficar fascinado pelo conteúdo e o desejar ardentemente, apenas para depois ter seus sonhos frustrados, como aconteceu comigo. Entendeu? Melhor ser sincera e dizer logo que o meu porquinho virou esqueleto — sim, ele é anorético por falta de moedinhas — e que eu não tenho um puto na carteira para pagar o tratamento psicológico de ninguém. Deus sabe que eu não posso arcar nem com o meu. E olha que eu preciso!

Neste momento, a única coisa que você precisa saber é que eu passei a vida buscando uma estrela.

Não uma estrela qualquer. Não, senhor! A minha estrela. Uma que brilhasse só para mim e iluminasse a escuridão que me ronda. Uma coisinha incandescente em forma de homem — lindo de morrer, se possível —, que tivesse sido criada para ser minha outra metade, outra face e outra mão. Alguém que me preenchesse.

Se você ainda não compreendeu a moral da história, não tem problema, eu explico! Alguns chamam essa pessoa de alma gêmea, outros de tampa da panela

ou de chinelo velho para um pé cansado. Tem aquelas pessoas que chamam de ilusão. Eu chamo de estrela. O nome pouco importa, porque tudo se resume a amor. Um grande amor.

Estou em busca de uma estrela desde a época em que não sabia nem amarrar meus cadarços. Uma caçada frustrada, admito, porque não achei o sacana! Nunca cheguei nem perto. E eu bem que procurei, viu?

Imagino que você esteja se perguntando quem é a maluca mal-amada, mal-comida, mal compreendida e carente que está te metralhando com essa ladainha sentimental. É melhor eu me apresentar, antes que este monólogo encha o seu saco. Porque eu, definitivamente, já estou de saco cheio desse papo.

— Meu nome é Eva Marinho e eu sou uma encalhada convicta. Tenho trinta anos e nunca, nunca mesmo, tive sorte no amor — murmuro tristemente para meu reflexo no espelho, com a escova de dentes entre as mãos, fingindo que é um microfone. É um péssimo reflexo!

Estou me imaginando em um palco, de frente para uma plateia do AA — Azaradas Anônimas. Muitas mulheres fazem acenos imaginários, me incentivando a continuar. Outras tantas passam lencinhos invisíveis pelas bochechas para enxugar lágrimas também invisíveis. Santo Deus. Eu tenho problemas mesmo!

— Isso não é nem a metade. A quem estou querendo enganar? Dizer que nunca tive sorte é eufemismo. Eu sou uma puta de uma azarada, isso sim!

Depois do meu ataque melodramático, a plateia está de olhos arregalados e boca aberta.

— É isso mesmo. Devo ter quebrado muitos espelhos, passado embaixo de milhares de escadas... Não, não cruzei com nenhum gato preto em uma sexta-feira 13 — resmungo, irritada, lendo facilmente os pensamentos das minhas pessoinhas de faz de conta. Além de ser dramática, não tenho muita paciência; não mais do que tenho criatividade.

— Parem de ser preconceituosos! Eu adoro gatos! No momento o meu felino é tudo que eu tenho e, sim, ele é preto! Bom, quem sabe é tudo culpa dele, afinal? — Eu adoraria pôr a culpa em outra pessoa, mas tenho plena consciência de que a cor do meu gato está muito longe de ser a raiz do problema. — Ok, admito: é culpa dessa minha mania idiota de viver me apaixonando, e, definitivamente, todas as vezes pelo cara errado. Pronto, falei. Felizes agora?

Esse meu carma, como eu chamo carinhosamente a falta de um homem decente na minha vida, vem se arrastando há muitos anos. Para ser mais precisa, desde o jardim de infância — e, não, pode esquecer: essa história eu nunca vou contar! É vergonhosa demais. Mas, pensando bem, talvez eu devesse contar como foi que a última terminou...

Em busca da
estrela mais
brilhante do céu

But are we all lost stars trying to light up the dark?

— MAROON 5, "Lost Stars"

1

Eva

Já é madrugada. Entro no banheiro, mas deixo as luzes apagadas. Por nada neste mundo quero me olhar no espelho e ver na minha cara a vergonha de quem se apaixonou e se fodeu de novo. É o tipo de coisa que faz as pessoas se atirarem na frente de um caminhão, e imagino que esse destino ainda seja melhor que aquele que me aguarda. Tenho absoluta convicção de que vou implorar por uma morte rápida e indolor até o fim da semana, logo depois de contar para minha família a merda que aconteceu desta vez. Jesus, o Gabriel!

Não paro de pensar no Gabriel.

Tiro a roupa rápido e me jogo debaixo da água escaldante do chuveiro. Preciso me sentir limpa, o que, considerando a situação, não vai ser fácil. Estou arrependida por não ter procurado, na espelunca onde me hospedei, um litro de água sanitária ou um tubo de gel antisséptico para esfregar no meu corpo até ele estar em carne viva. Um bom pedaço de Bombril também viria a calhar. Daí, quando lembro que burrice não pode ser arrancada do corpo como se fosse sujeira, desisto e sento no chão do box para pensar na vida, sentindo o vapor da água quente me sufocar, imaginando se conseguiria me afogar no chuveiro. Seria possível?

Ainda não consegui chorar. Estou chocada demais, senão poderia tentar me afogar nas minhas próprias lágrimas — muito mais poético!

O que a gente faz quando pega o namorado na cama com outra pessoa? Grita? Chora? Surta e sai correndo atrás de uma faca de desossar para acabar com a raça do desgraçado? Não, não fiz nada disso. Só fiquei ali parada, perto do pé da cama, olhando para os dois e pensando: *Putá que pariu. Ele tá me traindo com o maior gato.*

Você não leu errado. Não mesmo.

Meu namorado estava na cama com outro cara — e que cara, meu Deus! Só que esse não é o foco! O foco é que eu sou uma tremenda chifruda. Não que eu

não esteja acostumada, porque estou: ele não foi o primeiro e, a julgar pela sorte que tenho, provavelmente não vai ser o último traidor a enfeitar a minha testa. Ainda assim, fico curiosa para saber por que esse tipo de coisa sempre acontece comigo.

Deve ser o meu carma. Eu posso muito bem ter afundado a merda do *Titanic* no passado, ou de repente fui a porcaria de um nazista. Será que queimei mulheres gritando “Matem a bruxa!”? Seja o que for, não importa: tenho coisas mais importantes com que me preocupar no momento, e não, não estou falando das minhas lágrimas inexistentes. Vou ter muito tempo para elas depois.

Quando todos, sem exceção — juro, até meu gato rosnou —, avisam que um relacionamento vai dar errado, ele realmente dá. E a sua vida escorrega pelo ralo. Primeiro, porque ninguém vai permitir que você esqueça o que aconteceu. Afinal, que diversão as pessoas teriam se não pudessem jogar na sua cara que estavam certas? Segundo, porque você vai ficar envergonhada e humilhada por ter que contar a porra da história — todo mundo ama os detalhes das merdas que acontecem na vida alheia, não é? Por último, sempre tem a maldita frase que escapa da boca de um ou outro. Sabe aquela? *Eu te avisei*. Meu Deus, como eu odeio essa frase! Se eu ganhasse uma moeda a cada uma das vezes que a escuto, meu porquinho ia precisar de uma cirurgia bariátrica!

Enrolo o máximo que posso no chuveiro, porque não estou preparada para avisar a ninguém que estou voltando para casa, ainda por cima sozinha. Enquanto ensaboo minha bundinha magrela, penso em todos os meus relacionamentos fracassados. Acho que isso dá conta da próxima hora, no mínimo. Foram muitos.

Quantas histórias de amor desastrosas uma única pessoa pode viver? Imagino que eu conseguiria facilmente um espacinho no livro dos recordes! Esse foi o meu sexto relacionamento, pelo menos entre os que eu considero sérios, e o sexto que afundou, igualzinho ao *Titanic* que eu naufraguei em uma das minhas vidas passadas. Cada um por um motivo diferente, e todos com o mesmo impacto de um desastre nuclear.

Sabe o que mais me irrita? Eu realmente acreditei que ia dar certo dessa vez! Tinha certeza absoluta de que havia encontrado minha maldita estrela. Mas não rolou. O cara encontrou um bofe sexy no caminho e eu me ferrei.

Conheci o Levi em Santos, onde nasci e onde fiz a cagada de me apaixonar por aquele imbecil com um gosto para homens melhor que o meu. Ele sempre morou em Londres, mas foi transferido a trabalho para minha cidade por quatro meses. Tempo suficiente para me fazer acreditar em uma mentira mais linda que a outra, para me fazer abandonar meu emprego, meu gato, minha família, meus melhores amigos, minha cidade e segui-lo feito um cachorrinho quando ele precisou voltar para casa.

E o pior ainda está por vir.

Tenho de admitir que sou um verme medroso e sorrateiro que não enfrentou as pessoas que amava antes de partir. Eu meio que fugi. Explico! No dia seguinte à partida dele, contei para minha família sobre o convite que Levi tinha feito para eu acompanhá-lo, e isso bastou para que todos entendessem o recado e me mandassem sossegar o rabo. Eles sabem que é batata: toda vez que eu me apaixono, faço merda. Dois dias depois, pedi demissão, enfiei o que pude em uma mala, peguei um ônibus, um avião e corri ao encontro dele. Não dei tchau para ninguém, nem até logo, não fiquei para escutar mais uma vez que eu estava cometendo o maior erro da minha vida — como em todos os meus trinta anos. Fui sonhadora e fraca, e caí de cara no asfalto quente. Eles sabiam o que eu ia aprontar desde o segundo em que abri a boca, e não ficaram surpresos quando liguei de Londres para avisar que tinha feito uma boa viagem.

Essa é a razão de hoje eu estar em um hotelzinho barato ensaboando a bunda mais vezes que o necessário enquanto crio coragem para ligar para o meu pai, que não ganhou nem um beijo ou aceno, e para quem só deixei um bilhete dizendo:

Tô indo pra Londres. Não é o máximo? Vou seguir minha estrela, volto com um marido e dois filhos! Pelamor de Deus, não infarta.

Ou para minha melhor amiga, Olívia, que cansou de me avisar que o Levi não parecia confiável, mas a quem nunca dei ouvidos. Tem também o meu irmão, mas, como todo irmão mais novo, Adam é babaca o suficiente para rir da minha desgraça e não dar a mínima nem se eu for atropelada por um caminhão. Ele não é útil para muita coisa, mas, depois que engole o riso, dá abraços ótimos.

E, por fim, a pessoa mais importante da minha vida, a que eu mais amo: Gabriel.

O amor que eu tenho pelo Gabriel é de outro mundo, é fora de proporção. Sou maluquinha por ele. Ele é minha outra metade, meu melhor amigo, minha consciência, meu porto seguro, e acho até que é a melhor parte de mim. Ele também é conhecido como o cara que amarrou meus cadarços desde que aprendeu a amarrar os dele. Isso até o momento em que escapei e entrei sorrateiramente em um avião para a Inglaterra. Agora ele provavelmente nunca mais vai olhar na minha cara. Chorei escondido de saudade do Gabriel mais do que admitiria bêbada. Para matar sua curiosidade, chorei em cada maldita noite, quando deitei a cabeça no travesseiro para dormir, desde a primeira. Já viajei chorando, para ser sincera.

É, eu o amo assim.

Desse tanto.

Ele sabia que eu ia embora, pois me viu fugindo, mas não me impediu. Essa é a maior prova de que ele julga que o que eu fiz foi o fim da amizade de uma vida

inteira, porque antes daquele momento ele impediria, sempre impediu, nem que fosse preciso me acorrentar a uma mesa. Sim, isso já aconteceu. Um dia eu disse que iria a uma festa do cabide com uns garotos do bairro e terminei algemada à mesa de casa até meu pai chegar do trabalho. Só então o Gabs me soltou, depois de me dedurar, claro. Desta vez, ineditamente — não tenho ideia do motivo —, Gabriel me deu uma escolha. Eu gostaria de ter escolhido certo. Eu queria ter acreditado quando ele me disse que era furada mudar de país para seguir alguém que eu mal conhecia. Mas esta sou eu, a idiota que não escuta e não pensa em ninguém quando decide mergulhar fundo em mais uma busca por sua estrela.

Só eu sei a importância daquela história, daquela promessa, e sempre acreditei que os riscos valessem a pena se no fim eu fosse feliz. Mesmo que para isso eu precisasse machucar as pessoas que amava. Eu as machuquei muitas vezes, e a tal felicidade... bom, nunca aconteceu. Então eu acho que finalmente chegou a hora de parar de procurar.

Durante todos esses meses, falei esporadicamente com meu pai, que, depois de gritar até ficar rouco, fingir três infartos e duas crises renais, acabou aceitando minha loucura. Passei muito tempo com uma Olívia irritada no Skype também. Ela fazia questão de deixar bem claro que ia quebrar minha cara assim que eu colocasse a bunda no mesmo continente que ela, o que nenhum deles duvidou que aconteceria, cedo ou tarde. Mesmo assim, ela dizia que nada nunca a faria deixar de me amar. Meu irmão pouco se importava, porque, como ele mesmo disse, depois que eu enfio alguma coisa na cabeça, só dá para tirar na base da serra elétrica, e o babaca alegou estar muito pobre e endividado com seu casamento com Olívia — sim, minha melhor amiga acabou virando minha cunhada um ano atrás — para comprar uma maldita serra. Ele aparecia durante nossas conversas às vezes, fazendo caretas atrás dela. Minhas noites favoritas. Estavam me faltando motivos para rir.

Olívia sempre me dizia a mesma frase antes de desligarmos — “Ele está bem e também está com saudade, mas é tão turrão quanto você” —, porque sabia que eu era mesmo turrona demais para perguntar, mas morreria se não soubesse do Gabriel.

Ele nunca me procurou, e é daquele cretino que eu mais sinto falta, mas sou orgulhosa demais para dar o braço a torcer. Sempre que me via agarrada ao telefone digitando o número dele, eu me dava um bom tapa na cara e ia tomar um drinque. Foram vezes demais; tinha dia em que minha bochecha ficava ardendo.

Saio do chuveiro e acendo a luz, me olhando no espelho mesmo depois de jurar que não ia olhar. Estou horrível. Toda vermelha, enrugada e cheia de olheiras. Não dormi quase nada a noite passada. Como poderia, depois de dar de cara com meu namorado e seu amiguinho nas minhas cobertas, por cima delas, rolando

nelas? Enfim, todo mundo já entendeu o drama. Depois do flagrante, passei a mão na minha mala e fugi para o primeiro hotel que encontrei enquanto os dois tentavam me explicar que aquilo não era nada do que eu estava pensando. Imagina se fosse.

Passei a noite e o dia seguinte na companhia de duas garrafas de vodca e alguns cigarros, depois não me lembro de nada, porque vodca tem esse efeito comigo, perda de memória, e aqui estou agora, criando coragem para assumir meu fracasso perante pessoas que não vão ficar nem um pouco surpresas. Quer saber? Que carma nada. Acho que foi o olho de seca pimenteira daquelas pestes que fodeu com tudo. Era tanto mau agouro passando pela alfândega atrás de mim que não tinha mesmo como vingar. Espero que pelo menos fiquem felizes de me ver depois de tantos meses e que não me torturem por muito tempo.

Após saracotear por mais uma hora, resolvo comprar minha passagem e terminar de uma vez com isso, em vez de me jogar da janela do décimo terceiro andar — o que me parece mais atraente a cada minuto de protelação. Aproveito e mando uma mensagem para meu pai:

Eva

Capricha no jantar amanhã porque eu vou chegar com fome.

Não preciso dizer mais nada. Ele vai entender perfeitamente o recado subliminar; a frase “deu merda” vai piscar em neon no visor do celular.

Deito na cama da espelunca olhando para o teto. Tenho algumas horas antes de ir para o aeroporto. Se a viagem correr como o planejado, chego em casa para celebrar o Ano-Novo com minha família, mais um ano de merda que termina com meu coração partido. Respiro fundo e prometo a mim mesma que a primeira coisa que vou fazer quando chegar é me desculpar com cada um deles e jurar, desta vez de verdade, nunca mais fazer nenhuma loucura para tentar cumprir minha promessa.

Minha primeira parada é Gabriel. Acho que, depois de cinco meses, estou pronta para rastejar. Ele já deixou bem claro que não se dobra por menos.

Diabo de cara teimoso!

2

Gabriel

Será que Alice topa esquecer o jantar e ir para casa me olhar dormir?

Passo meia hora me fazendo essa pergunta enquanto espero por ela, impaciente, no restaurante em frente à escolinha da sua mãe, onde ela dá aula no maternal. Acho que estou ficando velho, porque, se antes correr dez quilômetros atrás de um assaltante era fácil como bocejar, agora eu queria muito um analgésico, um ronronado do meu gato e a minha cama. Nessa ordem.

Solto o celular e passo as mãos pelo rosto, exausto. Abro os olhos e a vejo caminhar por entre as mesas com uma imponência e postura que poucas mulheres mostram.

Alice está linda, como sempre.

Reparo que ela caprichou na roupa e deve ter gastado muito tempo com a maquiagem. Eu me pergunto por que as mulheres se empenham tanto para estar perfeitas, mesmo que seja para compromissos como este: um jantar sem importância, que eu daria a vida para poder embrulhar para viagem. Não seria um cabelo desfeito e uma cara limpa que me fariam adorá-la menos.

Eu gosto dela e ponto.

Mas imagino que o nosso relacionamento ainda não tenha chegado à fase em que o conforto vale mais que arrancar um elogio dos meus lábios, o que quer dizer que também ainda não estamos na fase em que eu posso soltar: *Desculpa pela produção, gata, mas vamos ver TV em casa? O bandido era rápido, correu pra cacete e eu estou morto...*

Respiro fundo para encarar o jantar, sentindo as pernas latejarem embaixo da mesa. Decido ser gentil e, acima disso, grato, porque sei que ela se empenhou para estar bonita para mim, o que eu afirmo quando Alice se senta à minha frente e coloca a bolsa em cima da mesa.

— Você está linda!

Os três babacas na mesa ao lado aparentemente concordam. Sorrio, erguendo minha garrafa de cerveja, quando eles me olham. O sorriso é só para tirar onda, não tenho o menor ciúme dela. Sem jeito, os caras viram para a frente, e eu seguro a risada, me concentrando em Alice diante de mim e com as bochechas coradas. Ela é determinada e decidida, e mesmo assim tenho o poder de fazê-la fraquejar diante de um elogio — é uma graça. O cabelo preto deixa sua pele clara, quase translúcida, tornando sua timidez ainda mais evidente. Ela pisca os cílios longos e me brinda com um olhar satisfeito.

— Obrigada, Gabriel — diz, sorrindo. — Está esperando há muito tempo?

— Não — minto, devolvendo o sorriso e fazendo um sinal para o garçom. *Anda logo, porra!*

Estamos juntos há pouquíssimos meses, e ainda assim este é meu relacionamento mais duradouro. Não que eu vá contar isso a Alice, mas não sou do tipo que namora. Sempre preferi minha liberdade e nenhum apego, então nunca fiquei mais que algumas vezes com a mesma garota. O que mudou? Eu queria alguém que me fizesse esquecer outro alguém. E, mesmo sabendo que esse tipo de atitude sempre termina machucando um dos envolvidos, convidei Alice para sair depois que ela me roubou um beijo durante um jantar de família na casa do “meu alguém”. Para ser sincero, eu fui enfiado no banheiro da área da churrasqueira, me recuperei bem rápido do susto de ser atacado e a coisa não ficou só no beijo. O que aconteceu foi tão bom que a convidei para um cinema no dia seguinte, e assim foi indo. Eu sabia que teria de levá-la a sério desde o início, porque, por consequência de um casamento aí, ela agora é da família do “meu alguém”. Eu não podia tratá-la como uma garota qualquer, porque devo respeito a essa família. Eles são tão importantes para mim que os chamo de minha família também. Alice foi uma escolha consciente, mas me surpreendi com quanto estou gostando dela.

Quando me dei conta, estávamos nos vendo quase todos os dias.

Percebi que perto dela eu conseguia esquecer quem eu queria, nem que fosse por algum tempo, e não demorei para pedi-la em namoro depois disso. Alice é bonita e simpática. Ela dá aula para criancinhas. Tem coisa mais meiga que uma garota que dá aula para criancinhas? Também é inteligente, esperta e carinhosa. Só tem um problema: Alice não é *ela*, e, por mais que eu me empenhe em não comparar as duas, isso é inútil. Comparo todas as mulheres com ela. O nome dela é Eva. Não estou querendo pronunciá-lo muito no momento, então a chamo de “meu alguém”.

Eu devia chamá-la de “meu problema”, aquele que Olívia menciona toda vez que me vê, repetindo a frase “Ela está bem e também está com saudade, mas é tão turrona quanto você”, porque sabe que eu nunca perguntaria, mas me agonia muito não saber.

Orgulho... algo que nós dois temos de sobra!

Diferentemente do mulherão que, em todos os sentidos, a Alice é, aquela cretina está mais para uma garota de seis anos, pelo menos na forma de se vestir e na mentalidade.

Imagino que seja normal eu demorar para me acostumar a namorar, ou a ter outra garota na minha vida, já que nunca houve ninguém além dela que me obrigasse a isso. Sempre existiu apenas uma garota para mim, e com essa eu não tive problemas para me acostumar — parece que o lugar dela sempre foi dentro de mim. Se eu olhar para trás, para o passado, não consigo me lembrar da minha vida sem a Eva. Eu queria lembrar, porque deve ter sido uma vida ótima! Bom, não que dê para chamar de “vida” um único dia, porque as nossas mães nos tiveram com essa diferença e na mesma maternidade. Elas eram amigas. Nós chegamos a ficar lado a lado no berçário, temos foto e tudo, até comemoramos a data juntos todo ano. Eu queria ter aproveitado mais aquele dia antes de ela chegar para ferrar com a minha existência.

Pensar naquela inconsequente, egoísta, irresponsável, mimada — eu poderia continuar até amanhã — faz meus punhos se cerrarem e meu bom humor desaparecer. Mas é justamente aquela babaca que não liga para maquiagem, usa jeans rasgados e camisetas velhas — normalmente as minhas, que leva para casa e usa como se fossem dela — que me impede de valorizar o perfeccionismo de Alice, ou de conseguir, no mínimo, achá-lo atraente. Não acho. Eu gosto daquela menina largada de blusinha cor-de-rosa e que usa calcinhas da Minnie. Mesmo que toda essa simplicidade comprove que Eva nunca fez questão de me impressionar, me acalma saber que tenho por perto alguém que sabe que não precisa ser perfeita para me agradar. Uma garota que é ela mesma, que fala o que pensa e me mostra todos os seus defeitos, porque confia em mim o suficiente para saber que sempre vou amá-la, independentemente deles. Isso é uma coisa e tanto, porque, vai por mim: aquela lá tem defeito de sobra. Enche um caminhão.

Eu queria que Alice um dia se sentisse assim, à vontade na minha presença para me mostrar quem é de verdade, o oposto de toda essa doçura que tenho visto, quem sabe algumas olheiras e um cabelo bagunçado de manhã. Ajudaria se ela não me acordasse sem querer toda vez que corre para o banheiro para fingir que já acorda com cheirinho de pasta de dente.

O foda é que, não importa quanto tempo passe, eu sei que jamais vamos atingir o nível de intimidade — que nem pode ser descrito — que tenho com Eva. Como eu disse, Alice não é ela, e, sinceramente, está tudo bem em não ser, porque aquela garota-problema é passado e a intimidade com a qual eu sonho não tem comparação. Ela é fruto de laços diferentes, firmada durante muitos e longos anos — só eu sei como foram longos — de uma amizade que em mais de uma ocasião me fez ter vontade de pular de um prédio.

— O que você quer comer? — pergunto, todo gentil, afastando os pensamentos do passado e me concentrando em Alice. Antes que ela possa responder, meu celular nos interrompe. Olho para a mensagem no visor e apanho o telefone para responder, deixando que ela faça o pedido por nós dois.

Tio Fê

Filho, está trabalhando?

Gabriel

Jantando com a Alice. Tudo bem?

Tio Fê

Não estou me sentindo muito bem, não.

Gabriel

O que houve?

Tio Fê

Acabei de descobrir que um furacão está chegando na cidade e já comecei a suar frio.

Somos dois agora.

Porra!

Foi só pensar naquela peste...

— Está tudo bem, Gabriel? — Alice pergunta, curiosa. Assinto sem encará-la, os dedos congelados sobre as letras. Respiro fundo e digito uma pergunta, mesmo que meu coração disparado já tenha me dado a resposta.

Gabriel

O furacão tem nome?

Tio Fê

Adivinha.

Gabriel

Ótimo. Já era a paz de todo mundo.

Tio Fê

Ela está voltando para casa, filho, e vai perguntar sobre o gato, então se prepare.

Gabriel

Não vou devolver o gato. Já sabe por que ela veio embora?

Tio Fê

Deu merda, certeza. Vai buscá-la no aeroporto?

Gabriel

Não.

Tio Fê

A Eva vai precisar do seu apoio quando chegar, então, por favor, esqueça a briga boba que vocês tiveram e me ajude. Eu imploro, imploro até de joelhos se você quiser. Preciso que você a acorrente a algum lugar e me proteja. Por favor, Gabriel... Pelo Adam, por mim e por você mesmo, porque a Eva vai transformar a nossa vida em um verdadeiro inferno quando descobrir tudo que andamos escondendo dela. Nós três vamos queimar.

Gabriel

Não.

Tio Fê

Vou pular da ponte.

Gabriel

Não tem ponte na cidade, e a resposta é não.

Tio Fê

Eu te conheço. A sua consciência vai pesar. Você me ama. Eu fui um ótimo pai para você.

Gabriel

O melhor que eu poderia ter tido, mas a resposta ainda é não.

Tio Fê

Lembra quantas vezes eu beijei os seus joelhos ralados, menino? Não seja ingrato.

Gabriel

Não vou buscá-la no aeroporto, mas vou pensar no caso do perdão, chantagista.

Tio Fê

Ufa. Obrigado, filho. Só para me vingar da coisa toda, vou deixar ela descer de ônibus. Vamos ver se aprende a não fugir mais de casa. Hahaha

Pouco depois chega uma mensagem em um grupo da família. Eles têm um comigo e outro com ela desde que a gente brigou. Bem coisa de divórcio, né?

Tio Fê

Deem um gelo na fugitiva na virada, e, antes que se neguem a obedecer, já adianto que é uma ordem. Estão todos proibidos de olhar para ela até os fogos acabarem, então se distraiam por quinze minutos ou vou furar alguns olhos. Eva precisa entender a importância da família. Depois a gente alivia, como sempre, porque somos todos trouxas. Gabriel, é uma ordem, viu?
ORDEM!

Falando no diabo, ele está voltando.

Eu roubei um gato. Pois é, roubei, admito. Amo de paixão aquela porcaria. Mas parece que sua dona decidiu despencar direto para dentro da minha vida novamente, como um míssil nuclear. Eu nunca compararia Eva a uma simples bomba, porque o potencial dela para desastres não tem proporções, e não tenho nenhuma dúvida de que ela vai explodir tudo ao seu redor quando chegar. Na hora em que os fogos acabarem, ela já vai ter quebrado uma garrafa de champanhe na cabeça de alguém, provavelmente na minha.

E eu julgando que era um dia bom! Fez sol, tomei um banho de mar, fiz uma prisão em flagrante e estou jantando com a maior gata, que por sinal é minha namorada. Esse é o tipo de dia que só uma pessoa conseguiria estragar!

Uma criatura teimosa, egoísta e iludida, que passou meses desperdiçando seu tempo com quem claramente não a merecia, e agora, como se fosse a dona do

mundo, decide dar as caras para acabar com a minha paz. Eva tem este dom: acabar com a paz das pessoas, afundar tudo em que toca. É uma proeza que só ela consegue. E quer saber a verdade? Ela se orgulha disso, e deveria mesmo, porque são poucas as pessoas neste mundo capazes de me tirar do sério como ela.

Ok, ela ainda é minha melhor amiga. Mas isso não quer dizer que minha vida não estava indo muito bem sem ela e seus casos perdidos. Estava.

Eu já tinha quase superado nossa briga, porque imaginei que ela estivesse feliz. Os muitos meses passados fora me fizeram criar a fantasia estúpida de que sua loucura não era tão louca. Mas algo me diz que Eva vai chegar da mesma maneira que partiu: sozinha. Se eu tivesse alguma dúvida sobre isso, a parte da mensagem que diz que ela vai precisar do meu apoio teria resolvido tudo. Desta vez pressinto que não vou encontrar um sorriso apaixonado de triunfo nem uma mulher que tem certeza de que jogar tudo para o alto por um cara é a melhor ideia que teve na vida. Posso apostar que, de novo, vou vê-la destruída e sem esperança. Um monte de caquinhos, sem ninguém para recolher.

Sempre fui eu quem fez isso.

Eu me ajoelhava, recolhia seus pedaços do chão, juntava tudo e colava, e a cada vez Eva deixava um pouco de ser Eva. A cada remontagem, uma parte dela era perdida no processo: aniquilada, esquecida, abandonada. Por mais que eu tentasse fazer um bom trabalho, ela nunca voltava a ser a mesma, e eu sempre me culpava por isso.

Cada parte de mim me manda levantar desta mesa e ir até a loja de conveniência mais próxima para abastecer minha geladeira com sorvete de chocolate, vodca, cigarros e muita paciência. Pegar o carro e acelerar para o aeroporto para esperar por ela, abraçá-la e acolhê-la. Mas não desta vez. Não hoje. Não mais. Eu falei com todas as letras que, se ela entrasse naquele avião, nossa amizade nunca mais seria a mesma. Eu estava mentindo, é claro! Sempre vou amá-la, independentemente da merda que ela fizer; está no contrato. Mas ela não precisa saber disso ainda. E quer saber do que mais a Eva não precisa? Daquele gato.

Eva não precisa daquele gato!

Fernando se casou sem contar para ela, então talvez a Eva demore um pouco para dar falta do gato enquanto mata o pai e a madrasta da forma mais cruel e sanguinária que conseguir. Guardo o celular no bolso e volto a atenção para a mulher curiosa à minha frente. Sorrio e pego sua mão. Não pretendo lhe contar que o maior tormento da vida dela está aterrissando no país. Isso estragaria a noite e a surpresa.

Alice vai descobrir por si mesma e odiar cada maldito minuto, e depois disso o nosso namoro vai ficar bem mais interessante. Por quê? Porque Eva Marinho não divide o que é dela.

E, naquela cabecinha deturpada, eu sou dela.

3

Eva

A única coisa em que consigo pensar quando o táxi ganha as ruas de Londres a caminho do aeroporto é que não vou sentir falta de absolutamente nada desta cidade. Não que ela não seja linda, maravilhosa ou excitante. É que Londres simplesmente não é o meu lugar. Não mais! Perdi uma estrela aqui — bom, é maneira de falar, porque aquele safado está mais para um pisca-pisca de Natal vagabundo —, e de repente me dou conta de que posso nunca ter a chance de me deparar com meu verdadeiro amor. Perder a fé nessa procura faz meu peito transbordar de desilusão. Me faz sentir vazia.

Eu não sou ninguém sem esse sonho. Não sou a Eva, não sou eu mesma.

Sinceramente, nunca tive um propósito verdadeiro na vida, pelo menos não um de gente grande como a maioria das pessoas tem. Nunca sonhei em construir uma carreira sólida, aprender coisas novas, viajar e conhecer o mundo ou beijar um golfinho na boca. Nunca quis aprender a dirigir um ônibus, fazer um curso de culinária ou me tornar famosa. Eu só tinha um maldito sonho: encontrar o cara perfeito! Será que é pedir demais?

Tudo e qualquer coisa que eu fiz, cada passo dado e cada corte de cabelo ou jeans comprado para acentuar minha bunda foram para encontrá-lo. Por mim eu sairia de pijama na rua, mas aí sempre pensava: *E se for hoje?* Ser massacrada novamente pelo peso atarrador da derrota me faz sentir sem um lugar no mundo, com fome e revoltada. Me faz querer quebrar alguma coisa, ou, no mínimo, a cara de alguém. Por que eu não quebrei a cara do Levi quando surgiu a oportunidade? Eu tinha que ficar distraída com os músculos — bons músculos, admito — do cara que ele estava pegando, em vez de expulsar toda essa frustração de dentro de mim, de preferência na forma de socos e pontapés? Eu devia pelo menos ter quebrado uma costela dele.

Sento em uma cadeira pra lá de ruim e aguardo meu voo ser anunciado pela mulher de voz sexy do aeroporto. Posso apostar todas as minhas calcinhas que

ela não é solteira. Não, senhor. Ela deve ser casada, e muito bem casada, com um piloto tão sexy quanto a voz dela sugere que seja. Agora, mulheres como eu? Essas deixam evidente que são encalhadas. Basta reparar na minha cara de bêbada, no rímel borrado e na calcinha gigante e confortável para saber que eu não tenho um homem para chamar de meu.

Quando meu voo é anunciado, me arrasto para a fila de embarque com a mochila batendo desconfortavelmente nas minhas costas. Entro no avião e confiro o número da poltrona, o que decerto eu nem precisaria fazer, porque, com a sorte que tenho, é só reparar no cara mais babaca que encontrar e me sentar ao lado dele. Com certeza o meu lugar será ali. Olha lá, dito e feito! Poltrona 13B, bem ao lado de um homem que não para de olhar para a bunda de quem passa pelo corredor.

Não sei por que ainda me surpreendo!

Passo por cima dele e me jogo na poltrona da janela com um suspiro frustrado. Pelo menos isso: eu adoro sentar na janelinha! Não perco tempo respondendo ao cumprimento cheio de segundas intenções e ao bater frenético de cílios que o homem me oferece. Seriam longas e intermináveis horas de conversa fiada com um estranho que só vai me fazer sentir mais deprimida. Dou um sorrisinho fraco e viro a cara bem quando o safado olha desavergonhadamente para minhas coxas e assobia sem som, imaginando que eu não percebi. É oficial: vou vomitar toda a vodca que ainda está dentro de mim, se possível no colo dele! Antes que a bile chegue de fato à minha garganta, um bonitão cutuca o homem ao meu lado educadamente, chamando nossa atenção:

— Com licença, senhor. — Leva alguns segundos para o descarado tirar os olhos das minhas pernas, salivando, e se voltar para o dono da voz, que por sinal é linda, igualzinha ao dono. Hum, acho que meu dia não vai ser tão ruim quanto pensei.

— Pois não? — ele responde, de má vontade.

Odeio esse homem e nem o conheci ainda. Como é possível?

— Me desculpe, mas acho que o senhor está sentado no meu lugar — anuncia o rapaz, muito polido, mostrando sua passagem para que o intruso confira enquanto eu o analiso demoradamente e sem um pinga de vergonha.

Engraçado, ele não me parece estranho. Olho bem para seu rosto, com uma sensação de familiaridade inquietante, mas abandono o pensamento porque, além de ser uma péssima fisionomista, estou muito mais interessada na conversa deles.

— Hum, é... eu acho que sim — o homem assente, devolvendo a passagem, sem parecer que vai fazer alguma coisa para reparar o engano. A única atitude do tarado na verdade é voltar a olhar para minhas pernas e encostar, nada sutilmente, seu joelho no meu enquanto me presenteia com um sorriso aberto, cheio de

dentes faltando. — Mas acho que você vai ter que procurar outra poltrona, porque eu não vou sair daqui.

O rapaz olha embasbacado para o grosseirão e eu resolvo salvar a droga do meu dia me inclinando sobre o homem e sussurrando para que somente ele possa ouvir:

— Tira o joelho da minha perna e os olhos das minhas coxas, seu pervertido! — rosno, pronta para voar na garganta dele. — O meu dia foi péssimo e eu já fui presa antes por quebrar a cara de tarados como você. Sinceramente, eu gosto muito do clima animado das delegacias para me importar em ser presa mais uma vez. — Ele arregala os olhos para mim, mas ainda não se move. — Dá o fora!

O tarado nem vacila. Levanta imediatamente e corre atrás do rapaz, que já se afastou, batendo em seu ombro e lhe oferecendo o lugar — não sem antes murmurar um “mulher maluca”. Maluca? Ele não viu nada! Penso em ir tirar satisfação e realmente enfiar porrada nele, mas, antes que eu decida se quero acabar com minhas unhas por tão pouco, o bonitão se senta ao meu lado, sorrindo para mim, e meu dia melhora com uma rapidez impressionante.

Ele não é apenas bonito. É lindo. Tanto que nem consigo sorrir em resposta enquanto meus olhos grudam no corpo másculo e no rosto bem desenhado. Por mais que eu tente, não consigo deixar de ser depravada e desviar o olhar, porque tudo no cara é perfeito. Terno cinza sofisticado e com ótimo caimento. Alto, forte e com uma postura invejável. Cabelo escuro e comprido caído sobre os olhos castanhos, as bochechas coradas. E uma boquinha bem desenhada que ficaria magnífica colada à minha.

Simplesmente o meu número!

Eu sei, eu sei! Jurei que não ia sair me iludindo à toa. Mas qual é? Eu sou uma sonhadora, e um acontecimento desses... para ser mais precisa: um homem desses cair de paraquedas na minha vida permeada de puro azar é quase o equivalente a ganhar na loteria.

É um sinal do destino, só pode ser!

Tá piscando em neon na testa dele. O que mais seria? Infelizmente o mecanismo de procurar pela minha estrela já está tão enraizado no meu DNA que, enquanto o piloto nos manda apertar o cinto e avisa que vamos decolar, já me imagino casada e grávida do primeiro filho. Vejo até as mãozinhas no ultrassom! Estão dando tchau para mim.

Depois de seis horas de voo, já estamos casados há sessenta anos e morando em um aconchegante asilo com um belo jardim. Claro que, na vida real, não achei nada de útil para começar uma conversa decente com ele, que não para de me olhar de lado, como se quisesse o mesmo. Será que estou imaginando coisas? Doze horas de voo, e tudo que consegui pronunciar foi “com licença, por favor” mil vezes

ao me levantar para fingir ir ao banheiro. Isso foi o máximo que saiu. No mínimo ele deve pensar que tenho incontinência urinária! O tempo está passando, estamos quase chegando ao Brasil e sinto que não estou aproveitando esta maravilhosa oportunidade que caiu no meu colo, enviada pelo meu cupido de intenções quase sempre duvidosas. Sendo assim, respiro fundo e volto para minha poltrona novamente, me sentindo determinada. E é aí que a coisa desmorona.

Eu já disse que não tenho sorte? Pois é, não tenho!

Antes que eu tenha tempo de sentar minha bundinha no estofado, a voz do piloto irrompe pelos alto-falantes, calma e serena como sempre acontece quando eles anunciam uma grande merda. Mas a notícia anunciada não me deixa nem um pouquinho calma e serena. Para ser sincera, me desespera!

— Senhores passageiros, por favor apertem os cintos. Vamos enfrentar uma severa turbulência. — Ele continua falando, mas não estou mais ouvindo. Corro para minha poltrona mais rápido que o Batman e afivelo o cinto com tanta força que chego a ficar sem ar. E olha que não tenho medo de avião. Nunca tive.

Sempre dizem que o avião é o meio de transporte mais seguro, e eu acredito nisso. Mas deveria ter imaginado que, para mim, até mesmo sair de casa representa um risco. Em questão de milésimos de segundo, quando a lata-velha dá a primeira chacoalhada, desenvolvo um verdadeiro pavor de voar, e esse fato me faz pensar em um medinho maior, que eu guardo bem no fundo de mim: *a porcaria do medo de morrer*. Saber que estou trancafiada em uma bateadeira com janelinhas transforma esse medo em algo real, quase palpável, principalmente quando as luzes se apagam, o treco sacode e diversas malas caem do compartimento em cima das poltronas. Minha mochila é uma delas. Começo a rezar no momento em que vejo meu desodorante sair rolando.

Imagino que minha ave-maria seja audível para quem quiser ouvir e me acompanhar no refrão, porque o bonitão me olha de lado, erguendo uma sobrancelha de maneira confusa e divertida ao reprimir uma risada. Eu tinha me esquecido dele, afinal havia problemas maiores para enfrentar no momento, como o fato de estar prestes a virar comida de tubarão. A princípio o ignoro, porque o caos se desfaz, e eu, distraída, respiro aliviada. Porém, quando o avião volta a trepidar assustadoramente, me sinto a ponto de ter um infarto. Sem pensar no que estou fazendo, agarro a mão do meu vizinho de poltrona com tamanha força que o vejo ranger os dentes.

Ele me olha, mas não solta minha mão.

— Desculpe! — Na verdade não estou nem aí, porque é uma emergência e estou pouco me fodendo se ele quer cooperar ou não.

Por que eu permiti que Gabriel me obrigasse a assistir a *Tubarão*? Só consigo pensar em dentes enormes se cravando nas minhas panturrilhas. Também me ima-

gino em cima de uma prancha, mas isso não vem ao caso. Nossa, que biquíni lindo... Merda! Gritos, muitos gritos. Mais malas voando. Vamos morrer. *Vamos todos morrer!*

Termino a ave-maria e passo para o pai-nosso. Espero ter tempo de rezar o credo também. Quanto mais melhor, pois imagino que, no pós-vida, não vou pegar a escada rolante para subir. Por falar nisso, já sinto o calor do meu destino final se elevar do dedinho do pé, passar pela calcinha e chegar até onde meu desodorante perdido não daria mais jeito.

— Eu tenho verdadeiro pavor de morrer! — explico, em pânico. — Principalmente sozinha e com todas as pessoas que eu amo me odiando. Então você não vai soltar a minha mão, porque isso é tudo que eu tenho. Entendeu?

Ele se limita a assentir. Não teria muita escolha, de qualquer forma.

— Sabe... Meu pai, minha cunhada, meu irmão e meu melhor amigo me avisaram que eu ia fazer merda, mas não dei importância. Eu nunca dou — friso, antes de soltar um gritinho quando somos impulsionados para a frente. — Eu nunca devia ter abandonado tudo por causa daquele traidor! Por que eu fiz isso? — pergunto quando retornamos ao encosto das nossas poltronas com um baque e meu cabelo platinado voa em todas as direções, incluindo dentro dos meus olhos. — Me diz por que eu achei que era uma boa ideia largar o meu emprego legal em um banco renomado, minha casa confortável, minha roupinha lavada e meu gato — insisto, olhando para ele em busca de respostas, com os olhos ainda ardendo, quando me dou conta de que vou morrer sem apertar meu gato novamente feito a Felícia. — Ah, meu Deus! Eu abandonei o meu gato! — grito, histérica. — Eu amo aquele gato! Eu abandonei todo mundo para voar para o outro lado do mundo e ir morar com aquele traidor que tem sérias dificuldades para manter o brinquedinho dentro da cueca. Por que eu fiz isso, hein?

Desta vez firmo o olhar no bonitão e arqueio uma sobrancelha, à espera de uma maldita resposta, porque não estou falando sozinha. Caramba, eu já vi esse cara em algum lugar.

— Eu não... — ele tenta responder, mas eu o ignoro, porque sei a resposta.

— Porque eu sou uma jumenta! — berro, ultrajada comigo mesma. — Uma porcaria de jumenta burra e carente que não consegue viver sem um homem. Para que eu preciso de um? Eu também não sei, porque eles não servem para muita coisa!

Os olhos do bonitão se arregalam e eu continuo ignorando o cara, porque aparentemente falar me acalma e me faz esquecer por um momento que vamos nadar pela eternidade no oceano dentro da barriga saciada de um tubarão.

— Por que o amor é tão importante, afinal? Ele não traz nada de bom — resmungo, desiludida, enquanto o bonitão me encara sem piscar. — Só ganhei um belo par de chifres!

Ele parece surpreso. Bom, eu também fiquei.

— E o cara era lindo, sabe? Não o meu ex-namorado-pervertido-e-desempregado. O cara que estava na cama dele.

O bonitão arfa, ergue uma sobrançelha e abre a boca, mas ainda não terminei minhas lamúrias.

— Eu nunca ia conseguir um cara daqueles — lamento.

— Hum, querida... — ele tenta falar mais uma vez, mas, como eu disse, ainda não acabei! Será que ele não pode ter um pouquinho mais de respeito pelo meu último momento de vida e não me interromper?

— Está vendo como eu sou egoísta? — pergunto de repente. — Olha eu de novo pensando só em mim. Também, quem ia querer alguma coisa comigo, né? Nenhum dos meus relacionamentos deu certo. Nenhum! Por que nenhum deu certo? Me diz.

Não. Não ouse abrir essa boca, cara, penso, olhando feio para ele, que volta a fechá-la.

— Eu sou uma boa pessoa, sabe? — murmuro, triste, em meio a um suspiro dramático. — Sou uma moça de família, trabalhadora, que paga os malditos impostos e nunca tinha feito nada tão maluco na vida quanto pegar um avião para ir atrás de um cara que mal conhecia. Eu sou carinhosa, romântica. Às vezes falo demais, mas esse é só um defeitinho que eu tenho. — Acho que as sobrançelhas do bonitão têm algum problema, porque não param de se arquear. Ignoro isso também. — Eu sou boa de cama, beijo bem... Te contei que sou formada em psicologia?

Ele nega, sem tentar me interromper desta vez.

— Quer saber a verdade?! Eu sei por que ninguém me quer. Eu tenho defeitos, muitos defeitos! Preciso ser sincera com você, afinal vamos todos morrer mesmo. — Dou de ombros e começo a abrir minha intimidade para o sujeito. Para quem ele contaria meus podres? Mortos não falam! — Odeio calcinha fio-dental. Eu sei que os homens gostam, mas aquela merda incomoda. Sabe como é, né? Bom, você não deve saber. Eu também esfrego na privada a escova de dentes das pessoas que me irritam. Só fiz isso duas vezes, mas fiz. Eu gosto de vodca, de futebol, de roupa decotada e nunca gostei de uma sogra na vida. Bom, eu só conheci uma, e a escova da safada sabe bem a história. Se eu bato no carro de alguém sem querer quando vou sair de uma vaga, nunca deixo um bilhete, porque não é culpa minha se as pessoas colam o carro na minha bunda, certo? Não paro no sinal vermelho depois das dez e tenho a péssima mania de interromper os outros quando estão falando...

— Jura? — ele pergunta, sorrindo, e eu assinto fervorosamente, mas nem mesmo o ouvi. Ainda estou ocupada jogando para fora tudo o que estava entalado dentro de mim, feito uma metralhadora.

— Também sou meio egoísta e irresponsável. Ah, e tenho várias passagens pela polícia. Nada grave! Graças ao bom Deus, meu melhor amigo é delegado, isso ajuda — eu me adianto, antes que o bonitão tenha uma ideia errada sobre mim. Vai que são Pedro pede a opinião dele a meu respeito antes de me despachar para o inferno! A esta altura, não posso correr riscos. — Mas, tirando tudo isso, que é o que eu lembro neste momento de crise, sou uma pessoa normal. Eu tenho sonhos, droga, um monte deles. Eu só queria achar a porcaria da minha estrela antes de morrer.

Ele parece confuso, então eu explico:

— Um cara que não me traia, não me abandone, não fuja com o circo, não roube o meu dinheiro e me deixe comer carne sem encher o meu saco! Só um cara que me ame e ame o meu gato o tanto que eu amo. É imprescindível amar aquele gato também, ele vem no pacote, sabe? Mas esse cara provavelmente nem existe... Bom, a não ser o Gabriel. Ele é exatamente assim, mas não conta, né? — pergunto, dando de ombros. — É o meu melhor amigo... O delegado, lembra dele?

— É claro que eu lembro — o bonitão responde, abrindo um sorriso largo, como se ele e Gabriel fossem velhos amigos. Neste momento o avião sacode e eu me agarro mais à mão dele, cuspendo minha alma.

— Só preciso ter tempo de falar para o Gabriel que eu o amo... — berro. Faço uma pausa, engolindo em seco, e noto que quem está tremendo sou eu. Acho que estou chorando.

— Senhora. — Sinto alguém tocar meu ombro com urgência.. — Está se sentindo bem? — Uma voz feminina se sobressai à minha, me fazendo piscar algumas vezes, freneticamente e meio atordoada. Aos poucos, acordo para a realidade e dou de cara com dois pares de olhos grudados em mim. Um deles é do bonitão, e o outro de uma comissária de bordo inclinada sobre mim, entre as poltronas, parecendo preocupada.

— Eu, é, eu... — gaguejo, ainda aérea. — Eu não morri? — pergunto, apalpan-do minhas pelancas com afinco enquanto os dois se entreolham de maneira conspiratória, como se soubessem de alguma coisa que passou despercebida por mim.

— Não, senhora.

Encaro os lábios avermelhados da moça e seus olhos gentis, compreendendo perfeitamente o que aconteceu quando os demais passageiros começam a andar pelo corredor em direção à saída da aeronave.

— Nós pousamos há alguns minutos no Aeroporto de Guarulhos — informa, com um sorriso amplo e penalizado. — Gostaria que eu lhe trouxesse alguma coisa? Um copo de água, talvez?

Recuso com um aceno, sentindo as bochechas esquentarem.

Respiro fundo e olho para o bonitão, que visivelmente está se divertindo à minha custa. Seu lábio inferior treme como se ele estivesse se controlando para

não gargalhar na minha cara. Típico de mim dar uma gafe dessas! Não notei que a turbulência tinha passado, muito menos que tínhamos pousado, porque permaneci distraída... O que foi que eu falei para esse cara? Puta merda, eu falei das minhas calcinhas. Eu disse mesmo que era boa de cama?

— Tem certeza de que está se sentindo bem? — a comissária insiste. Sim, claro que sim. Não estou me sentindo mal. Já estou morta mesmo. De vergonha!

— Ela vai ficar bem — afirma o bonitão, fazendo a moça assentir em concordância e se afastar. Ele sorri abertamente e me olha em silêncio por um longo tempo. Sinceramente, se está esperando que eu fale mais alguma coisa, vou decepcioná-lo, porque de repente não lembro mais como se pronuncia palavra nenhuma. — Foi um prazer ser útil, Eva. Mas agora eu preciso que você solte a minha mão — pede, ampliando ainda mais o sorriso. Aquilo no final da frase foi uma risada?

Desvio o olhar e percebo que ainda seguro a mão dele na minha. Os nós dos nossos dedos estão esbranquiçados, tamanho o meu pavor. Solto sua mão rapidamente e me ajeito na poltrona, abrindo o cinto de segurança. Fico muda enquanto ele se levanta e começa a procurar sua mala no chão do avião. Vejo que quase todas as pessoas já desembarcaram, então não espero que ele volte para que eu possa me humilhar mais um pouquinho. Avisto minha mochila jogada duas poltronas à frente e me levanto depressa. Passo a mão nela e sumo dali, abandonando meu desodorante sem piedade.

No ônibus a caminho de Santos, me dou conta de que não me lembro de ter dito meu nome ao bonitão, e mesmo assim ele me chamou de Eva. Estranho, mas não relevante. Vou apagar este dia infernal da minha memória nem que seja na marra. Essa é a vantagem de se humilhar na frente de um desconhecido.

Nunca mais vou ver esse cara de novo.